

QUANDO A FALA CALA: O DISCURSO DOS EDUCADORES SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

FERRAZ, M. A. M.

FREIRE, R. M. A. C.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

RESUMO

A exclusão de uma grande parte da população brasileira do mercado de trabalho, devido a não escolarização, é fonte de questionamentos e de interesse em pesquisa. Este trabalho pretende refletir sobre a forma como os educadores de uma escola pública da cidade de São Paulo-SP, compreendem as dificuldades do processo de ensino e aprendizagem. Analisou-se um encontro de cinco que foram realizados com alguns educadores, coordenados por psicanalistas, nos quais a Conversação foi usada, um dispositivo proposto por Jacques-Alain Miller. O conteúdo foi transcrito a partir de anotações, de onde os fragmentos foram extraídos para análise. Os dados foram analisados a partir da análise de discurso de Michel Pêcheux e os achados refletiram o discurso ideológico promovido pelos educadores. Conclui-se que há algo do impossível na relação entre educadores e educandos, um distanciamento provocado pelos educadores com base no imaginário e proferido em seus discursos, evidenciando que é impossível ensinar porque é impossível aprender, pois, educador e educando, estão em posições ideológicas distintas, de acordo com os discursos analisados.

INTRODUÇÃO

As dificuldades de aprendizagem são entendidas pelos educadores como expressões de uma doença mental ou orgânica, sem levar em conta um sistema que discrimina e exclui. Desta forma, surgem as patologias: dislexia, déficit de atenção, hiperatividade, entre outras. Este trabalho visa investigar, junto a educadores, os sintomas que se apresentam na escola e como o educador

nomeia os pontos de impasse na educação. Para isso, serão analisadas as falas dos educadores para trazer à luz a ideologia que subjaz seus dizeres. A popularização do discurso clínico no ambiente escolar, além de provocar a rotulação do educando através de uma suposta patologia, isentou o educador de suas responsabilidades pedagógicas. Dessa forma, a metodologia educacional, ministrada nas escolas, mantém-se inalterada e o educando torna-se o único responsável por não aprender. O educando que apresenta dificuldades no processo de aprendizagem é caracterizado como fracassado e, por consequência, excluído do contexto educacional. Mas o educando não possui pleno esclarecimento sobre as razões de seu comportamento resistente aos ensinamentos do educador. Freud (1914/1996, p.165-6), sobre a relação analítica, diz “por exemplo, o paciente não diz que recorda que costumava ser desafiador e crítico em relação à autoridade dos pais; em vez disso, comporta-se dessa maneira para com o médico”. Os educadores culpabilizam o educando, a família e o Estado pelo fracasso escolar. Podemos considerar uma violência a não correspondência às demandas de aprendizagem dos educandos e a permanência destes no ambiente escolar por anos sem saberem ler e escrever.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia da Conversação foi utilizada com grupos de educadores de uma escola pública da cidade de São Paulo. Trata-se de um dispositivo proposto por Jacques-Alain Miller (FREIRE (2016/2017) para os encontros clínicos do Campo Psicanalítico. A Conversação é um método que possibilita que os educadores expressem o mal-estar experienciado no processo ensino/aprendizagem. Suas angústias são compartilhadas e, aos poucos, dissolvidas. Ao contrário do lugar ofertado pelo discurso cientificista generalizador, que fomenta a repetição do educar, o método da Conversação abre lugar à criatividade no espaço educativo (FREIRE, op. cit.). No que tange a análise dos dados, as entrevistas são transcritas e fragmentos são extraídos e analisados, a partir da análise de discurso (AD) que não é considerada uma metodologia, mas uma modalidade de interpretação. A AD é uma disciplina fundada pela intersecção da linguística, de onde deslocou-se a noção de fala para discurso, do materialismo histórico de onde emergiu a teoria da ideologia e, “finalmente, da psicanálise veio a noção de

inconsciente que a AD trabalha com o de-centramento do sujeito”. (CAREGNATO, R. C., 2006, p. 680).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do material coletado durante o encontro dos educadores com os psicanalistas, recortou-se alguns fragmentos discursivos que, a nosso ver, ilustram a ideologia que circula entre os professores. No texto transcrito, o sinal (...) indica trechos cujo conteúdo é ininteligível ou inaudível. No primeiro fragmento, a educadora **A** fala de um educando que vive em situação de rua.

Ele tem vivência de rua. Não tem casa. Tem a pele toda manchada de verminose. (...) Ele não é um menino mau. Tem hora que ele coloca a mochila no chão e dorme. Acorda tonto sem saber aonde está. (...) Ele não faz nada. Tenho medo de ser investigativa. (...) Preciso de uma ajuda psicológica pra ele.

Por que ela contrapõe o *não ter casa* com a afirmação de que o educando não é uma pessoa má? Ela crê que todos que vivem na rua são pessoas más, mas seu educando, sendo bom, confronta e desestabiliza a sua crença! No Brasil, as crianças em situação de rua são aquelas cujas famílias são desestruturadas ou omissas. Parece vir desse imaginário, a afirmação da professora, acima ao afirmar que ele precisa *de uma ajuda psicológica*, podemos questionar se a ajuda seria para que ele prestasse atenção na aula ou para que suportasse o sofrimento por ter seus direitos violados? É um educando afastado dos elementos socioideológicos que lhe possibilitariam aprender, segundo o educador. Ela fala, ainda, do *medo de ser investigativa*. Mais adiante veremos que esse medo retornará em outras falas relacionadas ao lugar ideológico que esses educadores ocupam. Vejamos outra fala em que comparecem os significantes *vive na rua*.

Educador B: O caderno dela não tem sentido algum. É perdida em cadência corporal. (...) não acompanha a rotina da sala. Vive na rua. (...) Não consegue produzir.

B supõe que *viver na rua* explica o fato de a aluna não acompanhar a rotina da sala e não produzir. Segundo Pêcheux (2006, p. 31) “Nesses espaços discursivos [...] supõe-se que todo sujeito falante sabe do que fala porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação”. A fala da educadora denuncia o espaço discursivo ao qual ela pertence.

Educador C: A gente percebe que muitos não acompanham. Eu passo só o conteúdo. Fico distante. Tem um que está no 7º e é analfabeto. Eles lidam com situações que

não deveria ser de crianças. (...) O cognitivo deles está perfeito, mas as coisas que vivem fazem com que eles percam o desejo. Lá na frente, vai se perder!

Em *eu só passo o conteúdo* parece que **C** limita o seu ensino. O que o levaria a “não ensinar” e a se distanciar do aluno? Parece haver um suposto de que a aproximação não seria desejável e de que o ensino seria inútil para aquela criança. Pêcheux (2006, p. 55) comenta que todo discurso é passível de interpretação, mas alimentamos “a ilusão que sempre se pode saber do que se fala, isto é, se me compreendem bem, negando o ato de interpretação no próprio momento em que ele aparece”. Observaremos adiante, como esse equívoco aparece nos enunciados dos educadores, com o pressuposto de que todos sabem do que está sendo falado, que o dizer é transparente.

Educadora D: (...) Mãe que só coloca filho no mundo. (...) Ele é perverso, apático, maldoso. Não sei se a gente pode rotular? Mas a gente sabe os que vão virar bandido. (...) A maioria é boa, mas essa minoria influencia.

D descreve as características de um educando e, em seguida, questiona o fato de tê-lo retratado como *perverso, apático, maldoso*, mas justifica ao dizer que sabe quando um educando se tornará *bandido*. Ela diz *a gente sabe*, como se todos ali pudessem prever a possibilidade de um educando se tornar bandido. Observamos, ainda, como um significante se desloca da fala de um educador para outro; os dizeres *lá na frente vai se perder*, ditos por **C** retornam na fala de **D**, acima. Observe-se que o educando em questão tem uma *mãe que só coloca filho no mundo*. Ou seja, supõe-se que não cuida, não educa, não alimenta. Mas, a seguir, a educadora contrapõe a fala de que “*a maioria é boa*”. Esta contraposição parece vir redimir a fala anterior. Será que a educadora se dá conta disso? De que está sob o efeito de uma ideologia que coloca os mais desfavorecidos socialmente como bandidos, fracos, impossíveis de aprender? Para a AD, o sujeito do discurso não é autor desse discurso, mas alimenta o equívoco de sê-lo. O sujeito fala atravessado pelo discurso do Outro.

Educador C: Tem muita gente boa. Tem um que joga bola, tem disciplina, parece adulto. Tem a menina da Nigéria que não falava e agora quebrou a barreira do idioma. (...) Aqui tem isso de recebermos estrangeiros. (...) A criança não é criança. Tem coisas que não compreende e desagua em algum momento.

O educador C revela o que é, para ele, ser *gente boa*. Em seguida, diz que *a criança não é criança*, ou seja, vive situações que não deveriam ser de criança.

Ele parte do pressuposto de um ideal de criança que seus educandos não vivenciam.

Educador D: A influência do PCC. O ganho fácil. Eles querem comprar um tênis e são chamados pra boca.

O educador **D** completa que os educandos são influenciados por uma facção criminosa. A falta de condições financeiras dos educandos, denunciada pelos dizeres *querem comprar um tênis e são chamados pra boca* (lugar de tráfico de drogas), resultará no *ganho fácil*, dizeres articulados a *virar bandido, vai se perder e desagua em algum momento*. Tais combinações revelam o lugar ideológico desses educadores.

Educador E: “Cheguei esse ano. Essa é um desafio novo pra mim.

Psicanalista: Qual desafio?

Educador E: A particularidade e diversidade de alunos. Além das culturas dos que vem de fora, tem os daqui. Nunca atendi moradores de cortiço. Já trabalhei nas de favela e é diferente. O cortiço e o PCC trazem uma realidade que estou conhecendo.

Os significantes *cortiço* e *PCC*¹ revelam que ele (educador) é de um espaço social, ou melhor, de uma formação discursiva distinta, que é algo desconhecido e que caracterizam os educandos dessa escola. Os significantes *favela* e *cortiço* são equiparados por serem signos de pobreza e relacionam a falta de privacidade com a dificuldade de aprendizagem.

Educador F: O problema nos cortiços é que o banheiro é coletivo. Aqui eles adoram os banheiros. Fomos ao Sesc e o que mais os surpreenderam foram os banheiros. Em uma favela eles tem mais privacidade, pode aumentar, aqui é restrito. Eles não têm espaço. Mora cada família em um quarto. O espaço na escola pra eles é demais.

Podemos entender o *é demais* como um excesso que não é absorvido pelos educadores ou pelas crianças, transborda. Fisicamente, a arquitetura de uma escola é maior do que qualquer residência, então, por que essa escola é *demais* para esses educandos?

Educador G: Sou a mais antiga aqui. Era uma escola de ponta. Agora mudou. 25 de março² e Mercadão era dos italianos. Já tive aluno que o pai tinha banca no Mercadão. A gente sabe que tem dinheiro quem tem banca. Os italianos saíram, começaram a chegar os nordestinos na parte da construção. Hoje temos a realidade dos imigrantes, peruanos, bolivianos, nigerianos, combo. A Igreja é deles, um ponto

¹ Primeiro Comando da Capital (PCC) é uma organização criminosa do Brasil. O grupo comanda rebeliões, assaltos, sequestros, assassinatos e narcotráfico. A facção atua principalmente em São Paulo.

² Rua 25 de março e uma rua do centro da cidade de São Paulo, com grande concentração comercial.

de acolhimento. Estamos começando a receber sírios, condição social boa, pai dentista, médico, vieram para fugir da guerra, mas ainda estão em risco, sem documentos.

Os significantes *era de ponta, italianos, banca no Mercado*³ e *sírios* estão relacionados. A ideologia apresentada retrata que os italianos lá atrás e os sírios hoje são imigrantes bem vindos por apresentarem condições culturais prósperas relacionada ao poder aquisitivo e educação. Condição esta diferente da *realidade dos imigrantes, peruanos, bolivianos, nigerianos, combo*.

Educador F: A droga é a desestrutura da família. Na década de 90 começou a ervinha⁴. Molecadinha fazendo ponto na esquina.

Educador C: O refugiado não deixa as crianças se envolverem. O filho do nordestino, esse se mistura e eles querem se apropriar. – Eu sei o que acontece! - Ele fala! Ele quer mostrar o que está acontecendo em tudo no entorno, e sabe! Os refugiados estão aqui provisoriamente. Querem sair da região.

As famílias dos educandos são retratadas como *desestruturadas*. O educando *nordestino se mistura com a realidade da qual faz parte*, mas o imigrante não, porque está *provisoriamente*. Por essa afirmação, fica exposta a ideologia que atravessa esses educadores. O educando não aprende porque mora em um cortiço, porque há tráfico de drogas na região e porque sua família é desestruturada. O significante *não deixa as crianças se envolverem*, está relacionado ao tráfico de drogas. *Os refugiados estão aqui provisoriamente. Querem sair da região*. Então, o significante *provisório* está associado ao imigrante da realidade atual da região. Para **C**, o migrante nordestino é alguém que *se mistura*. Será que é só do tráfico de drogas que se fala? Denuncia que os educandos querem mostrar a realidade que vivem, mas os educadores não querem ver, por que? Através da ideologia do ideal burguês, fomentado por esses educadores, não é possível apreender as condições sociais desses educandos. É diferente do modo que eles vivem e por ser diferente não conseguem aprender.

Educador G: Pessoas de comércio de fachada para esconder o tráfico. Eles sabem de tudo, qual professor entra e qual sai. Há 10 anos a polícia matou um traficante, eles mandaram fechar tudo, padaria, empório, a única coisa que ficou aberta foi a escola. Jornalistas famosos apareceram. O que acontece na escola eles sabem.

³ Mercado Municipal Paulistano, também conhecido como Mercado, localizado no centro da cidade de São Paulo. Inaugurado em 1933, além de sua importância histórica o "Mercado" também possui uma enorme importância na gastronomia tradicional da cidade.

⁴ Cannabis sativa. Entorpecente também conhecido como "maconha".

Revela que existe um *eles* que têm ciência de todos os acontecimentos da escola e que permitem o funcionamento da escola. Existe uma ideia persecutória quando afirmam que *eles sabem de tudo, eles mandam, eles fecham*. Falou-se sobre a região estar sob a influência da facção criminosa PCC, e parece que esta influência afeta a conduta do educador na escola, pois *eles sabem de tudo*.

Educador C: A criança sabe também!

C revela que *a criança sabe também*. Sabe do que? Que saber é esse que não é revelado? *Eles sabem e a criança sabe...* do que? Essa mesma criança que sabe, *não se envolve, não acompanha, não faz nada na sala, não aprende*, mas elas têm um saber que os educadores não têm. E que não querem ter.

Educador G: (...) A coordenação não pode bater de frente.

Educador A: Não podemos nos meter muito porque não sabemos quem são os pais. A coordenação não pode enfrentar *eles*, não pode realizar seu trabalho, não pode coordenar! Porque existe uma *ordem velada*. *Não sabemos quem são os pais*. Essa frase é proferida no mesmo contexto em que **G** disse: *Eles sabem de tudo*. Então podemos entender que esse *eles* que *sabem de tudo* podem ser os pais dos educandos. No enunciado *não podemos nos meter*, **A** fala pelo coletivo. Nesse momento, todos os outros educadores se apoderam dessa fala. Podemos fazer uma releitura do enunciado para *não podemos nos envolver*, pois os pais podem ser *eles*. Percebemos que passeia pelo imaginário dos educadores algo no nível de uma ameaça, por atuarem como educadores.

Educador F: Precisamos de orientação para os limites. As crianças aqui não sabem dialogar. A mãe sai por horas e chega meia-noite. (...) Mas os pais não conversam com seus filhos.

Novamente, um enunciado proferido pelo sujeito nós. **F** diz *as crianças não sabem dialogar*, talvez elas queiram falar algo não possa ser escutado pelos educadores. Há um saber por parte das crianças que não interessa aos educadores, porque eles não podem *se meter muito*, pois não sabem *quem são os pais, eles*.

CONCLUSÕES

“Supor que, pelo menos em certas circunstâncias, há independência do objeto face a qualquer discurso feito a seu respeito, significa colocar que, no interior do que se apresenta como universo físico-humano (coisas, seres vivos, pessoas, acontecimentos, processos...), “há real”, isto é, pontos de impossível, determinando aquilo que não pode ser “assim”. (O real é o impossível...que seja

de outro modo). Não descobrimos, pois o real: a gente se depara com ele, dá encontro com ele, o encontra.” (PÊCHEUX, 2006, p.29). O autor aqui esclarece o que considera “real”, algo do nível do impossível. Os educadores, pelos discursos proferidos, denunciam o medo de se depararem com algo que eles desconhecem, mas que tem materialidade em seu imaginário. Nas falas analisadas há algo do impossível nessa relação entre educadores e educandos onde constrói-se um distanciamento supostamente seguro por existir uma “ordem velada”. É impossível os educadores ensinarem, pois é impossível os educandos aprenderem, os educandos sabem de algo que os educadores não sabem e essa relação é, supostamente vigiada por “eles”, que não sabem quem são, mas que podem ser os pais das crianças. E a “ordem velada” denuncia uma suposta ameaça, que obviamente, não é declarada, mas simbolicamente proferida em seus discursos. A conversação visa dissolver tais significantes que permeiam o discurso ideológico dos educadores, possibilitando um deslocamento, provocando o engendramento de uma perspectiva inédita que poderia tornar o antes impossível agora possível.

REFERÊNCIAS

- PÊCHEUX, M. (1975). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- _____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M.. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- FREUD, S. (1914). **Recordar, Repetir, Elaborar**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREIRE, R. M. A. C. **Projeto: Alfabetização e seus avatares: os incluídos excluídos**. – Pontifícia Universidade Católica de SP – 2016/2017.
- CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R.. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. Texto contexto enferm, v. 15, n. 4, p. 679-84, 2006.